



Ficção fragmentária e experimental

As visitas que hoje estamos,
de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira

Carlos Palacios*

William Faulkner, ao ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, afirmou que a voz do poeta, do escritor, não deve apenas registrar a atividade humana, mas servir de suporte e ser um dos pilares para que o homem seja capaz de resistir e prevalecer. O discurso de Faulkner me veio à cabeça durante a leitura do romance de estreia de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, *As visitas que hoje estamos* (2013), extensa e árdua empreitada que busca reproduzir um amontoado de falas daqueles que poderíamos classificar a partir da nomenclatura “brasileiro humilde”. Recorrentemente, nossas narrativas, da literatura ao cinema – de Aluísio Azevedo a Guimarães Rosa, de Glauber Rocha a Walter Salles –, procuraram dar forma a essa figura onipresente e fantasmática, de baixa escolaridade e origem pobre, pois seria a partir dela que conseguiríamos vislumbrar a verdadeira face de nosso país. Como no fragmento intitulado “em suspenso”, em que o narrador, assumindo a posição de indivíduo culto, encontra dentro de um livro o bilhete de um anônimo implorando por ajuda financeira e afirma que tal conteúdo “tem a cara do Brasil”.

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em *As visitas*, o registro dessa voz é feito de pequenos pedaços de tragédia: doença, velhice, crenças religiosas frustradas, relacionamentos afetivos conturbados e diversas outras vivências potencializadas pela exploração da linguagem coloquial da pessoa inculta, pobre, marginalizada. Essa potencialização leva a momentos de inegável beleza – “esta dor latejada que continua ficando, e tudo sem remédio lá pra trás” – e a outros que podem parecer mais gratuitos, como na reprodução de uma conversa na web – “acredito em deus de vez em quando, bjs” –, além de passagens que, pela exagerada exploração da miséria, atingem um incômodo teor cômico – “uma mulher lavou a bunda de um moço bem na minha frente, ele era um quase homem, já, mas usava fraldão de pano, umas porcarias dele caíram na poça d’água, deu ânsia, quase não bebi”.

As centenas de trechos que compõem a obra são, em sua maioria, relatos em primeira pessoa, salvo o roteiro teatral protagonizado pelas personagens Cora e Naum, que interrompe as séries de discursos pessoais. Muitas vezes, esses fragmentos de discursos em primeira pessoa, espécies de monólogos interiores, tratam de situações parecidas, normalmente marcadas por questões religiosas, e que recebem tratamento quase idêntico em relação à linguagem – o que faz com que, em certos momentos, pareçam repetitivos. Entretanto, a falta de ligação direta entre um discurso e outro e o fato de serem introduzidos sem nenhuma apresentação ou ambientação constituem aspectos positivos da obra, da qual estão ausentes fórmulas fáceis e relações de causa e efeito que poderiam explicar ou sugerir uma origem para toda a tragédia apresentada. Assim, a escrita de Ferreira se distancia de uma sociologia pobre, comum em romances que exploram personagens de origem humilde.

Um dos senões do livro é que, embora se saiba que a brevidade dos trechos é proposital, fica a sensação de que alguns mais interessantes poderiam ter sido mais explorados, enquanto outros, descartados. Não apenas a repetitividade se apresenta como um percalço para o andamento da leitura, como há inconstância na qualidade das histórias. Se algumas atingem um elevado nível estético, transpondo a coloquialidade das reflexões de um tipo social a algo superior, nos moldes de um Rosa, desagregando-se da mera vulgaridade para um rico jogo de signos e significados, outras parecem descambar para a mimese naturalista. Entra aí a crítica de Faulkner ao registro gratuito da decadência humana.

O roteiro teatral, que surge em alguns momentos ao longo da obra, talvez seja o mais interessante. Não por suscitar uma leitura mais fácil e fluida a partir da objetividade dos diálogos, mas por trazer uma representação social exagerada que, em vez de buscar uma construção fiel da realidade, constitui uma forma inteligente de ironia. A estrutura de roteiro teatral reforça a ideia de encenação e espetacularização da miséria cotidiana, em representação que, por ser forçosamente exagerada e sutilmente irônica, se torna autoquestionadora. E sabemos que a literatura que costuma ser mais interessante e enriquecedora é aquela que, em vez de apenas registrar o real, busca questionar suas representações.

No final das contas, *As visitas que hoje estamos* se revela, a meu ver, como um romance conflituoso – conflito este que se articula a partir do contraste entre escolhas felizes e outras equivocadas, mas que, ao término da leitura, deixa uma sensação otimista em relação às futuras produções do escritor, alimentada pelo fôlego demonstrado nesse romance de estreia.

